



## **Ronaldo e a Copa de 2002: dons e valores na construção de uma celebridade carismática// Ronaldo and the 2002 World Cup: gifts and values in the construction of a charismatic celebrity**

Paula Guimarães Simões<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este texto procura apreender alguns valores agregados à imagem pública do jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima, a partir de sua atuação na Copa do Mundo de 2002. A análise é realizada tendo em vista três categorias que buscam compreender a individuação de um acontecimento: 1) descrição; 2) narração; 3) e construção de um pano de fundo pragmático. A análise revela a consagração de Ronaldo como um herói, caracterizado por certos “dons específicos do corpo e do espírito” que o configuram como uma celebridade carismática.

**Palavras-Chave:** Acontecimento. Carisma. Ronaldo. Valores.

### **Abstract**

This paper aims to grasp some values attached to the public image of soccer player Ronaldo Nazário de Lima in the 2002 World Cup. It presents an analysis focused on three categories that seek to understand the construction of the event: 1) description; 2) narration; 3) and the configuration of a pragmatic background. The study reveals that Ronaldo was acclaimed as a hero, characterized by some “specific gifts of body and spirit” that shape him a charismatic celebrity.

**Keywords:** Event. Charisma. Ronaldo. Values.

## **1. Introdução**

O objetivo deste artigo é analisar alguns traços e valores agregados à imagem pública do jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima que emergem a partir da conquista do pentacampeonato pela seleção brasileira na Copa de 2002. Esse acontecimento é muito importante na trajetória de Ronaldo. Em um movimento inverso ao da Copa de 1998,<sup>1</sup> o

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS).

jogador chega à Ásia desacreditado por muitos críticos e torcedores e, aos poucos, vai reconquistando a confiança do público. Na primeira fase da competição, o Brasil (comandado pelo técnico Luiz Felipe Scolari, o Felipão) venceu a Turquia, a China e a Costa Rica. Em seguida, passou pela Bélgica, pela Inglaterra e, novamente, pela Turquia até chegar à grande final do mundial, realizada no dia 30 de junho de 2002, contra a Alemanha. Neste último jogo, que consagraria o campeão mundial, Ronaldo faz dois gols, torna-se o artilheiro da Copa e um dos maiores atacantes da história do futebol.

O *corpus* utilizado para análise é composto por edições das revistas *Veja*,<sup>2</sup> *Época*,<sup>3</sup> *IstoÉ*<sup>4</sup> e *Caras*, publicadas entre junho e julho de 2002, além de uma crônica de Luis Fernando Veríssimo publicada um dia após a conquista do pentacampeonato. Algumas matérias televisivas gravadas naquele momento e vídeos disponíveis no youtube complementam o *corpus*, assim como comentários postados em relação a esses vídeos no mesmo site.<sup>5</sup>

A análise desses dados é feita a partir de três categorias construídas a partir das reflexões acerca da *individuação do acontecimento* (QUÉRÉ, 1997, 2000), a saber:<sup>6</sup>

- 1) *descrição*: esse eixo procura perceber como o acontecimento é identificado e descrito; como é relacionado com outros acontecimentos, destacando tanto seu caráter de distinção como de tipicidade.
- 2) *narração*: nessa categoria, busca-se perceber a organização narrativa da ocorrência em questão. Isso implica situar o acontecimento em uma linha temporal, articulando-o com o passado e o futuro na construção da imagem de Ronaldo.
- 3) *plano de fundo pragmático*: o objetivo aqui é apreender como os indivíduos são convocados a se posicionar em relação ao acontecimento, a partir dos discursos que interpelam o público.

Essa grade analítica permite analisar a Copa de 2002, assim como alguns traços evidenciados na construção da imagem pública de Ronaldo.

## **2. A individuação do acontecimento**

### **2.1 Descrição**

O jogo que encerraria a Copa do Mundo de 2002 foi anunciado como “a final mais esperada de todos os tempos”.<sup>7</sup> Isso porque um confronto entre Brasil e Alemanha em Copas não acontecia desde 1930 e seria também um duelo entre dois estilos de jogo: “o nosso time com o estilo criativo e talentoso e os alemães como legítimos representantes do futebol-

força”.<sup>8</sup> Se “o que faz uma equipe ser vencedora é [...] o talento de seus craques”,<sup>9</sup> naquele jogo, o mundo estaria atento às estrelas de cada time. Na seleção brasileira, os holofotes se voltam, sobretudo, para Ronaldo: será que ele reescreveria aquela triste história de quatro anos antes?<sup>10</sup> Será que, finalmente, ele conseguiria ganhar uma Copa do Mundo e ajudar o Brasil a conquistar o pentacampeonato?

O desafio de Ronaldo frente à Alemanha foi descrito como “o jogo de sua vida”.<sup>11</sup> O jogador enfrenta esse desafio, faz os dois únicos gols da vitória sobre a seleção alemã, e o Brasil chega ao tão sonhado penta: “com o craque-herói Ronaldo num dia iluminado, o Brasil conquista o quinto título mundial, façanha que o coloca num patamar quase inalcançável”.<sup>12</sup> A seleção brasileira torna-se a única do mundo a vencer cinco Copas, marco que a distancia ainda mais das tricampeãs Alemanha e Itália. Os atletas brasileiros foram muito bem sucedidos em sua “busca pela excelência”, o *arete* de que fala Gumbrecht (2007). Os jogadores construíram um tipo de performance atlética que levou o Brasil a ultrapassar seus limites e superar, ainda mais, os outros países na excelência do futebol mundial.

Esse acontecimento impulsiona comparações com outros acontecimentos, assim como entre Ronaldo e outros jogadores de futebol. Como nas Copas da Suécia (1958), do Chile (1962), do México (1970) e dos EUA (1994), o Brasil levantou a taça de campeão do mundo na Copa do Japão/Coréia. No estádio em Yokohama, a seleção canarinho concluiu “a maior epopéia futebolística já vivida por uma nação, coroando uma trajetória de 44 anos construída em Estocolmo, Santiago, Cidade do México e Los Angeles, palcos das inesquecíveis vitórias anteriores”.<sup>13</sup> Como estas, a vitória no Japão também é inesquecível. Diferente daquelas, no entanto, ela coloca o “Brasil numa posição insuperável”.<sup>14</sup>

A vitória em 2002 é muito distinta do fracasso na França. Se a Copa de 1998 frustrou o sonho do penta e, para muitos, apontou o fim da carreira de Ronaldo para o futebol, a conquista da seleção brasileira em Yokohama fez o atacante “nascer de novo”.<sup>15</sup> Até o posicionamento de Ronaldo ao longo da Copa foi diferente: não levou a família para o Japão e não falava com repórteres na véspera dos jogos.<sup>16</sup> Com a atenção e a concentração voltadas para a conquista do título, Ronaldo queria fazer daquela uma Copa diferente da anterior. Trocou as chuteiras e decidiu até mesmo mudar o corte de cabelo. Às vésperas do segundo jogo contra a Turquia, ele apareceu no treino com um corte que lembra o personagem dos quadrinhos Cascão. O resultado foi considerado, “no mínimo, duvidoso”,<sup>17</sup> mas trouxe uma aparência bastante peculiar a Ronaldo – muito distinta da careca que ele vinha exibindo e que marcou sua imagem na Copa de 1998.

Posteriormente, em entrevista ao repórter Paulo César Vasconcelos (SporTV), Ronaldo esclarece que aquilo “foi uma estratégia de marketing” para desviar a atenção da imprensa que tematizava, insistentemente, seus joelhos, suas cirurgias, suas dores.<sup>18</sup> E conseguiu: desviou o olhar do noticiário para seu corte de cabelo para, na sequência, fisgar a atenção do planeta com sua atuação nos dois jogos finais: “o mundo, enfim, está a seus pés”.<sup>19</sup>

Foi, então, com o novo penteado que ele fez o gol da vitória contra a Turquia (um gol de bico), os dois gols contra a Alemanha e se consagrou como o artilheiro isolado da Copa: “gênio. Fenômeno sim! E nosso maior professor. Ronaldo nos ensinou que viver um desafio só é impossível pra quem tem medo da luta”.<sup>20</sup> Emerge, aqui, a imagem do jogador como um guerreiro, que não teme as batalhas e os desafios da vida. É o guerreiro escolhido para se destacar na Copa de 2002. Afinal, um craque só se consagra definitivamente com “um desempenho estelar na Copa do Mundo. [...] é a Copa o único palco que separa os jogadores que entraram na moda daqueles que passam à história do futebol”.<sup>21</sup> Na consagração de Ronaldo, uma nova imagem do jogador é constituída, sintetizada na matéria de Renato Ribeiro: “Do cabelo diferente aos pés prateados. Dos gols às comemorações. Essa é a nova imagem de Ronaldo: a do jogador que nas últimas sete partidas honrou o apelido que ganhou no futebol italiano e pelo qual deverá ser chamado para sempre: Fenômeno”.<sup>22</sup>

Com os oito gols que fez na Copa de 2002, o Fenômeno se igualou a Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, em número de gols em Copas: 12. A comparação entre Ronaldo e outros jogadores brasileiros emergiu em vários discursos. Ronaldo é visto como “o sucessor de Romário”,<sup>23</sup> ídolo da Copa de 1994, que não participou da Copa de 1998 em virtude de uma contusão e, em 2002, não foi convocado por Scolari, sob inúmeros protestos da torcida e dos críticos brasileiros. Ronaldo é considerado o herdeiro do tricampeão (1958, 1962, 1970) Pelé no trono de rei do futebol do planeta: “Pelé fez de tudo no futebol. Ronaldo ainda precisa exhibir outros troféus. Mas para as novas gerações ele é, sim, um deus da bola”,<sup>24</sup> “em Yokohama, o rei Pelé dependurou a medalha no pescoço de um legítimo sucessor, Ronaldo Nazário, talvez o mais heróico de todos os jogadores que já vestiram a camisa amarela”.<sup>25</sup> Ele é visto como um exemplo de superação para o mundo:

Nenhum outro pentacampeão do mundo pode dizer que conhece o significado da palavra superação mais do que Ronaldo. Esta foi a Copa dele. Foi a volta por cima como artilheiro. A consagração. Pra nós, ele sempre foi o Fenômeno. Depois deste domingo, o mundo também não tem mais dúvida disso.<sup>26</sup>

É essa a imagem predominante que emerge de Ronaldo com este acontecimento: a de um deus da bola, um exemplo de superação, a do herói, que redimiu o Brasil e a si mesmo da

culpa pelo fracasso na Copa da França e regressou ao país “como herói eterno dos brasileiros”.<sup>27</sup> Essa consagração de Ronaldo como o herói que passa por inúmeras provações e consegue se superar também emerge na crônica de Luis Fernando Veríssimo:

Mesmo um mau roteirista hesitaria em escrever uma história de superação pessoal e reversão de adversidade, com todos os chavões do gênero “volta por cima”, que nem Hollywood aceitaria mais, como a do Ronaldo. Uma história piegas e improvável que, no entanto, aconteceu e foi o grande tema dramático desta Copa. Ronaldo imitou a trajetória clássica do herói mitológico que desce ao inferno e volta para refazer a história. Voltou do abismo para refazer a final de 1998 na França. É o primeiro mortal real a conseguir retornar no tempo para corrigir sua própria biografia (VERÍSSIMO, 2010, p. 90).<sup>28</sup>

A trajetória de Ronaldo poderia ser comparada, assim, a um roteiro hollywoodiano, com elementos melodramáticos e heróicos tão característicos do gênero. Como um guerreiro extraordinário (CUNHA, 1986), o jogador redimiu a sociedade e se converteu no “mortal em processo de divinização” (MORIN, 1989, p. 26). Ronaldo lutou e se destacou em uma conquista coletiva, o que ele mesmo faz questão de evidenciar: “hoje, Deus me reservou esse momento maravilhoso. Ganhar uma Copa do Mundo. Fazer dois gols, o que deu o título ao Brasil. Mas o título é do grupo. Foi emocionante, o grupo é maravilhoso”.<sup>29</sup> Ele destaca, assim, a dimensão coletiva e partilhada daquela vitória, que, no entanto, o projetou também como um ídolo individual. O jornalista Ancelmo Gois (no programa *De lá pra cá*, da TV Brasil) situou a origem do penta no início da carreira de Ronaldo como jogador de futebol: “Pode-se dizer que o quinto título brasileiro em Copas do Mundo começou aqui. Neste modesto clube carioca. O São Cristóvão revelou Ronaldo Fenômeno, que fez a diferença nos campos da Coréia e do Japão”.<sup>30</sup>

Para Ronaldo, só o fato de voltar a jogar e fazer gols já seria uma felicidade. Os gols são, para ele, a marca do sucesso: “o normal para mim é fazer gols. [...] Quando saio de campo sem marcar, sinto que fracassei”.<sup>31</sup> Na Copa de 2002, apesar de não ter feito gol no jogo contra a Inglaterra, não se pode dizer que o ídolo fracassou. Ao contrário, voltou ao Brasil “como o novo ídolo indiscutível”.<sup>32</sup> Ídolo que, como outros brasileiros excepcionais, saiu de uma infância pobre e se tornou dono de uma fortuna surpreendente.<sup>33</sup> Ídolo que, diferente de tantos outros jogadores, “cultiva a imagem de bom moço e passa longe das encrencas e dos achaques em que outros medalhões do futebol costumam enroscar-se”.<sup>34</sup> Ronaldo

superou episódios espinhosos, como a indignação da opinião pública brasileira quando comprou uma Ferrari de 400 000 reais e torrou 20 000 reais em bugigangas importadas nas lojas de Ciudad del Este, no Paraguai. Também saiu com a reputação incólume de um escândalo alimentado pela imprensa sensacionalista italiana, em que era vinculado a uma rede de

prostituição e tráfico de drogas na Itália, em 1999. O Ronaldo idolatrado pelos torcedores é o rapaz que nasceu no subúrbio de Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, e fatura mais de 15 milhões de dólares por ano.<sup>35</sup>

Como foi discutido ao longo dessa seção, o quadro predominante que define esse acontecimento é o da superação e da consagração de Ronaldo como um herói. Um herói que soube enfrentar obstáculos e superá-los, que já revelou seu lado humano e também sua dimensão divina. Um herói que se consagrou por seu talento e seu desempenho dentro de campo e se inscreveu na história do futebol mundial. Esse acontecimento impulsiona a construção de um passado e aponta desdobramentos, o que será analisado a seguir.

## 2.2 Narração

O passado construído em relação à conquista do pentacampeonato deve ser analisado aqui a partir de dois eixos: a seleção brasileira e a atuação de Ronaldo. O time canarinho chega à Copa do Mundo de 2002 muito criticado tanto por parte da torcida como de jornalistas e comentaristas esportivos. A fraca atuação na fase de eliminatórias do mundial, que culminou em uma classificação apertada depois de seis derrotas, impulsionou a desconfiança em relação à seleção tetracampeã, e o Brasil não figurava entre os times favoritos à conquista da taça. As escolhas do técnico Luiz Felipe Scolari também foram questionadas pelo público: por um lado, a não convocação de Romário, ídolo da conquista do título nos EUA, e por outro, a escolha de jogadores que haviam sofrido lesões, como Rivaldo e Ronaldo. É preciso compreender que passado da história desse jogador se configura em relação ao acontecimento.

A derrota vexatória para a França na final da Copa anterior ainda pesava sobre os ombros de Ronaldo. Havia o temor de que outra crise misteriosa abalasse o jogador novamente. Além disso, o Fenômeno sofrera graves contusões no joelho que impulsionaram dúvidas em relação a seu futuro no futebol. A primeira lesão ocorreu em novembro de 1999 e levou o atleta a uma cirurgia no joelho direito e a cinco meses de recuperação. O aguardado retorno, no entanto, trouxe “um novo suplício público em abril de 2000, quando o ligamento do joelho direito se rompeu em plena final do campeonato italiano”.<sup>36</sup> Ele enfrentou nova cirurgia, ficou 17 meses longe dos gramados, e muitos especularam que ele jamais voltaria a jogar.

O jogador, novamente, era colocado sob suspeita, depois de um longo período de recuperação e ansiedade por seu retorno aos campos.<sup>37</sup> Esses receios em relação à capacidade

de recuperação de Ronaldo não partiam apenas de médicos, mas também de técnicos, ex-jogadores e comentaristas. Uma patrocinadora do jogador (Nike) também pode ser situada nesse grupo que desconfiava da recuperação de Ronaldo, já que optou “por deixar seu astro dois anos na geladeira”.<sup>38</sup> Mesmo depois de “dois anos e meio de via crucis”, Ronaldo era visto como “bichado, acabado para o futebol, aleijado irrecuperável”.<sup>39</sup>

A persistência e a determinação de Ronaldo foram reconhecidas por aquele que tinha o poder de decidir sobre sua convocação para o time que representaria o Brasil na Copa de 2002: o técnico Luiz Felipe Scolari. Como destaca Gutterman, a “teimosia de Scolari o fez apostar em Ronaldo”; “o técnico o convocou para a Copa, a despeito da onda de críticas - ninguém acreditava que o craque pudesse estar recuperado para uma disputa tão importante” (GUTTERMAN, 2009, p. 256). Outro ator importante naquele momento (além da família do jogador) foi o fisioterapeuta Nilton Petrone, o Filé: “contratado pela Inter a pedido de Ronaldo, Filé mudou-se para Milão, onde acompanhou todo o calvário do craque nesses dois anos”.<sup>40</sup>

Nos primeiros jogos, ainda pairavam dúvidas em relação ao jogador, que tinha apenas “relâmpagos do fenômeno que encantou o mundo”.<sup>41</sup> A partir da segunda fase, depois do jogo contra a Costa Rica, ele começa a ser posicionado de uma maneira diferente:

[Ronaldo] finalmente começa a exibir de novo a magia e a eficiência de seu futebol arrasador. Vem provando que não tem medo de colocar o pé em divididas e continua com o faro de gol apuradíssimo. Acima de tudo, ele está com espírito vencedor. [...] recuperou a alegria de jogar, estampada no sorriso que ilumina seu rosto dentro e fora de campo.<sup>42</sup>

Entretanto, ele não deixaria de ser alvo de críticas. No jogo contra a Inglaterra, o “camisa 9 da Inter de Milão fez uma partida modesta, recebeu raros passes e deu apenas dois chutes certos – mas com cinco gols já marcados quer a artilharia do mundial”.<sup>43</sup> A imprensa destacou a atuação valente, a raça e a técnica da seleção naquele jogo, apesar da má atuação do Fenômeno. De qualquer forma, as dúvidas em relação à forma física do jogador iam aos poucos se dissipando.

Após o jogo contra a Turquia, as eventuais desconfianças se dissiparam de vez. Foi no segundo tempo que saiu o gol de bico de Ronaldo, o único da partida e responsável pela classificação do Brasil para a final do mundial: “Ronaldinho leva o Brasil pra final da Copa”.<sup>44</sup> Para o jornalista esportivo Marcelo Barreto, esse tipo de gol, com a ponta da chuteira, “plasticamente, pode não ser a jogada mais bonita”, mas “é um gol da inteligência do jogador”.<sup>45</sup> E foi o gol da classificação brasileira, o que impulsionou o *fascínio* de torcedores e da imprensa em relação a ele: aquele “fenômeno que paralisa os olhos, algo que

atrai constantemente”, tal como descreve Gumbrech (2007, p. 20) em seu elogio da beleza atlética. Apesar de esse autor considerar que nosso fascínio pelo futebol e a beleza desse esporte não estão apenas no gol, esse de Ronaldo (e da garantia da presença brasileira na final do mundial) pode ser visto, sim, como uma jogada bonita, ou mais que isso, como uma *espécie de epifania*: “essa aparição inesperada de um corpo no espaço, que de repente assume uma bela forma que se dissolve de maneira tão rápida e irreversível” e que é a fonte da alegria que sentimos ao assistir a um evento esportivo (GUMBRECHT, 2007, p. 46).

A consagração definitiva da estrela da seleção viria na decisão do mundial, com os dois gols de Ronaldo, a conquista do pentacampeonato para o Brasil e da artilharia da Copa. Destacam-se o talento, a magia e a eficiência do futebol do Fenômeno, que “não teve receio de entrar em jogadas duras e continuou perseguindo o gol com o faro e o empenho aguçado dos primeiros anos de carreira. Foi o que fez duas vezes, mostrando superioridade sobre o mito alemão, o goleiro Oliver Kahn”.<sup>46</sup> Com a emergência do acontecimento, o passado é revisitado, evidenciando as mudanças na trajetória de Ronaldo, que foi “do pesadelo ao paraíso, em quatro anos”,<sup>47</sup> e as transformações no modo como a imagem dele era descrita antes e depois da Copa. Toda a angústia e a solidão de sua dolorosa e lenta recuperação cediam espaço “a outro presente, outro Ronaldo”<sup>48</sup>:

O acontecimento abre, assim, um futuro no qual Ronaldo é visto como um herói nacional, que venceu as dificuldades, apesar de todo sofrimento, e se consagrou como “o craque do time”.<sup>49</sup> Ronaldo e toda a seleção desembarcaram em Brasília, onde receberam a medalha da Ordem Nacional do Mérito. A alegria e o espírito brincalhão do Fenômeno não pouparam nem o presidente Fernando Henrique Cardoso, “ao fingir ter sido espetado pelo alfinete da medalha”.<sup>50</sup>

De volta ao Rio, os desdobramentos mais imediatos do acontecimento para Ronaldo incluem descanso, comemorações, presentes e passeios com a família e os amigos. Ele se deu de presente um BMW, avaliado em 260 mil reais – o que não é muito tendo em vista o salário anual do jogador. “Em junho de 1999, fora duramente criticado por circular pelo Rio com uma Ferrari de R\$ 560 mil, que acabou vendendo. Hoje, após o penta, é perdoado de qualquer ostentação. Até porque a aquisição embute uma ironia. O BMW é alemão”.<sup>51</sup> Depois de um breve descanso, o jogador decidiu “relaxar praticando golfe, seu *hobby* preferido, no Gávea Golf & Country Club, em São Conrado, no Rio. [...] como não poderia deixar de ser, foi descoberto por fãs e, entre uma e outra tacada, distribuiu diversos autógrafos para funcionários e associados do clube”.<sup>52</sup> Também foi a uma pizzaria com amigos, entre eles, o apresentador de TV Luciano Huck, a quem declarou: “Não guardo mágoa de ninguém. Quero olhar para a frente e ser eleito mais uma vez o melhor jogador do mundo”.<sup>53</sup>

Esse é outro desdobramento importante desse acontecimento. Em dezembro de 2002, Ronaldo é eleito pela FIFA (pela terceira vez) o melhor jogador do mundo daquele ano. Além disso, recebe os prêmios de artilheiro da Copa, com oito gols, e de segundo melhor jogador do mundial, atrás apenas de Oliver Kahn, o goleiro alemão que, ironicamente, sofrera dois gols de Ronaldo no jogo decisivo. Em entrevista à jornalista Fátima Bernardes para o *Jornal Nacional*, logo após a entrega do prêmio em Madri, ao ser indagado acerca de sua exigência consigo mesmo, Ronaldo declara: “isso só me ajuda a buscar melhores resultados”.<sup>54</sup> Emerge aqui o *arete* como componente essencial da performance atlética, tal como descrito por Gumbrecht (2007): a busca pela excelência que faz com que Ronaldo teste e desafie seus limites na construção de seu desempenho como jogador.

Essa busca pela excelência continuará sendo perseguida por Ronaldo nos anos posteriores. Após o mundial em 2002, ele é transferido para o Real Madrid (Espanha), em uma negociação de cerca de 40 milhões de euros, e passa a fazer parte do grupo conhecido por “galácticos”, formado por jogadores excepcionais que se reuniram no clube espanhol durante um período. Na Copa de 2006, apesar da precoce eliminação do Brasil e das críticas em relação à má forma física do jogador, ele faz mais três gols e se consagra como o maior artilheiro da história das Copas do Mundo, com 15 gols, posto que mantém até hoje.

Além de tematizarem esse futuro do acontecimento, os discursos que trataram da conquista do pentacampeonato brasileiro em 2002 convocaram os sujeitos a se posicionarem em relação a essa conquista e a seu grande herói, com repercussões em todo o mundo. É para essas questões que nos voltamos na próxima seção.

### 2.3 Pano de fundo pragmático

A conquista do pentacampeonato foi noticiada pela imprensa nacional e internacional, que destacou a capacidade de superação e recuperação de Ronaldo, além da posição consolidada pelo Brasil no cenário internacional de futebol. Os jornais de todo o mundo “se renderam ao retorno do mito. ‘O Brasil pentacampeão é o Brasil de um Ronaldo sublime’, publicou o espanhol *El País*. ‘O futebol é justo e devolveu o sorriso a um craque que passou dois anos longe dos campos’, assinalou a revista italiana *Panorama*”.<sup>55</sup> Ronaldo mostrou que sua imagem tem como lastro seu talento, sua habilidade em campo, reconquistada com muita persistência e determinação.

Essa imagem de Ronaldo, que expressa a própria vitória da seleção, suscitou identificações e projeções no público e se mostrou muito sedutora e rentável: “que a imagem de Ronaldo é capaz de vender qualquer produto, ninguém mais tem dúvida. Até o estranho topete lançado pelo atacante foi imitado por crianças e jovens de todo o Brasil. Depois da consagração em Yokohama, crianças em Bangladesh foram flagradas aderindo ao modismo”.<sup>56</sup> Para muitos admiradores, ter o mesmo corte de cabelo do ídolo pode representar um caminho para a conquista do mesmo sucesso, da mesma trajetória heróica.

Os internautas que se manifestaram no Youtube expressam diferentes opiniões em relação à seleção brasileira e à atuação de Ronaldo na Copa de 2002.<sup>57</sup> Destaca-se o lindo estilo de jogo daquele time, além da qualidade de seus jogadores, considerados gênios, ídolos, mitos. A ginga, a ousadia, a raça e a determinação marcavam esse estilo dos jogadores, que lutavam para fazer história e jogavam por amor à pátria e ao futebol. É a melhor seleção dos últimos tempos, inesquecível, que despertou emoção de verdade e orgulho na torcida brasileira. Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho são vistos como um trio genial por vários internautas. São os grandes astros do futebol brasileiro, que fizeram toda diferença naquela Copa e merecem homenagens.

Mas houve também quem considerasse que o Brasil conquistou o penta não por sua qualidade técnica, mas porque teria comprado o juiz para atuar a favor da seleção canarinho. Houve, ainda, quem considerasse que a seleção brasileira venceu, sobretudo, por conta dos erros da defesa adversária na final contra a Alemanha. E até mesmo um internauta que questiona a importância do futebol na cultura nacional. Entretanto, essas vozes são minoritárias no universo pesquisado.

O público se divide ao comparar a conquista de 2002 com as outras vitórias da seleção brasileira. A conquista no Japão, apesar de linda, não se igualou à Copa de 1994, na visão de um dos manifestantes. Para outro internauta, o time de 2002 se igualou ao que trouxe o tricampeonato para o Brasil em 1970. De qualquer forma, é possível perceber a importância das Copas (e do futebol) na sociedade brasileira, afinal, “futebol é a nossa cultura”. A vitória do Brasil faz com que os brasileiros sintam orgulho do país em que nasceram, e a de 2002 proporcionou a um dos internautas “o melhor dia” de sua vida. O futebol chega a ser visto como responsável pela “única alegria de ser brasileiro”.

Há, em vários momentos, uma personalização da seleção no agradecimento por parte do público. A centralidade e o protagonismo de Ronaldo na conquista do pentacampeonato emergem em inúmeras manifestações, afinal, ele, mesmo “sem joelho, é melhor que todo mundo”. Na grande maioria das manifestações, Ronaldo emerge como um grande jogador, um ídolo eterno, um verdadeiro fenômeno, inigualável, um herói cuja atuação na Copa de

2002 deixou saudades e lembranças muito felizes. Ele é visto como um patrimônio nacional, que ultrapassa as barreiras dos times e suscita a admiração do público independente do clube para o qual joga. Ele é o craque, o rei, o pesadelo dos goleiros; é “o cara”; “o melhor de todos os tempos”. Para outros internautas, ele não supera o Rei do futebol, sendo considerado o melhor jogador depois da Era Pelé. Aqueles que não reconhecem a importância de Ronaldo para o Brasil são vistos como “malditos ingratos”. Esse impulso de gratidão é evidenciado por Gumbrecht em sua análise da performance atlética. Mas, para o autor, essa gratidão é intransitiva, não é dirigida a um ou outro ídolo, mas é uma “gratidão para com a vida” (GUMBRECHT, 2007, p. 177). Em diferentes discursos (de torcedores e da mídia), no entanto, o agradecimento emerge em vários momentos de modo personalizado, dirigido ao ídolo que trouxe glórias e alegrias ao time.

Além de suas habilidades como jogador, como a velocidade, destacam-se suas características como pessoa: ele é um cara “humilde, gente fina”. Ele é visto, ainda, como um incrível exemplo de superação: depois das várias cirurgias, “ser o dono da copa que deu o penta pro Brasil tinha que ser o Ronaldo”. Ele é “um guerreiro”, “nosso professor”, parabenizado pela torcida pelo exemplo de superação que deu para todos os brasileiros; é um ícone “do futebol, que tem muito a brilhar”. Ele enfrentou as críticas e as desconfianças e “calou a boca do mundo todo trazendo o penta” para o Brasil.

Entretanto, emergem também críticas em relação a essa visão de protagonismo de Ronaldo na conquista do pentacampeonato: “engraçado como o Ronaldo levou todo o crédito, eles esquecem que a maioria foi assistência do Roberto Carlos, Rivaldo e Ronaldinho”. Ele tampouco é unanimidade na eleição do melhor jogador do time brasileiro e do mundial por parte do público. Para muitos, seu companheiro de ataque, Rivaldo, que também chegou desacreditado à Copa de 2002, foi o melhor em campo, o craque do penta. Membros do público também elegem o goleiro Marcos como o melhor do time, por suas defesas sensacionais; destacam o papel de Ronaldinho Gaúcho, de Roberto Carlos, do reserva Denilson e também do técnico Luiz Felipe Scolari.

Esses posicionamentos dos internautas participam da construção da imagem pública de Ronaldo, evidenciam valores que se destacam no comportamento do jogador, os quais solidificam a sua imagem de herói – o que será discutido na seção final deste artigo.

### **3. Considerações finais**

O processo de individuação do acontecimento aqui analisado revela traços da imagem de Ronaldo que devem ser pensados antes e depois da conquista de 2002. Antes, o jogador era associado ao fracasso no mundial anterior, era um mortal que expressou toda sua fragilidade na final contra a França. Um mortal que teve que enfrentar contusões e cirurgias, mas lutava com otimismo, determinação, persistência, dedicação, força de vontade, exigência e muito desejo de jogar bola para voltar aos gramados. Entretanto, estava desacreditado, visto como bichado, incapaz de jogar como antes. Mas ele pôde contar com o amor da família, o apoio do fisioterapeuta Filé e a confiança de Scolari para dar a volta por cima.

Depois da conquista do pentacampeonato, ele se consagra como o grande herói do penta – mesmo que na visão de alguns brasileiros seja preciso dividir as glórias dessa conquista com o técnico e com os demais jogadores. O próprio Ronaldo salienta que a vitória foi do grupo, destacando a união e a solidariedade na atuação dos jogadores. O herói Ronaldo manifesta com esse acontecimento seu lado mais divino: é o deus da bola, o fenômeno, o gênio, inigualável, insuperável. É o herói que se consagra como um exemplo de superação: enfrentou inúmeros obstáculos (não apenas as contusões e cirurgias, mas também as críticas e desconfianças do público), mas provou ao mundo que era capaz de jogar futebol novamente. Como lembra Ronaldo Helal, a narrativa clássica do herói fala justamente disso: “de superação de obstáculos, redenção e glória” (HELAL, 2003, p. 107).

Ronaldo recuperou o *timing*, “a capacidade de fazer os movimentos certos na hora certa” (GUMBRECHT, 2007, p. 138), e fez os três únicos gols das duas últimas partidas da seleção brasileira. Não apenas com suas finalizações, mas com sua inteligência e outras belas jogadas, despertou o fascínio do público por seu talento e foi, mais uma vez, alçado ao lugar de melhor jogador do mundo. Foi muito bem sucedido em sua busca por excelência (o *arete*, de que fala Gumbrecht) na construção de sua performance atlética: é um dos três únicos jogadores a receber esse título concedido pela FIFA por três vezes (feito que ele divide com o franco-argelino Zinedine Zidane e o argentino Lionel Messi). E, na Copa de 2006, conquistou o posto de maior artilheiro da história das Copas, com 15 gols, quebrando mais um recorde.

No desempenho de Ronaldo dentro de campo, são destacados o seu senso de oportunidade na criação de jogadas e, sobretudo, seu jeito alegre de jogar. Na relação com os outros jogadores, evidenciam-se, além da alegria e da descontração contagiante, a amizade e o companheirismo em relação aos jogadores mais novos. Outros traços de sua personalidade como sujeito são evidenciados, como a humildade, a simpatia e a solidariedade. Ele auxilia financeiramente instituições de caridade, sem conferir publicidade ao gesto. Ele é visto como o bom moço de Bento Ribeiro, que luta pela paz e em prol dos menos favorecidos (como ele

mesmo fora no passado). Ele recuperou “o carisma que difundia pelo planeta antes da contusão”.<sup>58</sup>

Ronaldo tem carisma. Ele apresenta como “dons específicos do corpo, [...] não acessíveis a todos” (WEBER, 1982a, p. 171) suas habilidades técnicas para jogar futebol: sua velocidade, suas arrancadas, seus dribles. Enfim, ele é capaz de realizar determinados movimentos corporais que despertam o fascínio do público (GUMBRECHT, 2007). Além disso, Ronaldo também apresenta “dons específicos [...] do espírito” (WEBER, 1982a, p. 171), igualmente não acessíveis a todos, como sua inteligência, sua capacidade de superação, seu heroísmo. Acreditamos que são esses dons (do corpo e do espírito) que despertam a *devoção afetiva* (WEBER, 1979) do público em relação a Ronaldo.

Entretanto, a devoção conquistada por ele só é mantida a partir dos modos como o público se posiciona em relação ao líder carismático em determinado contexto social. Esses dons e os valores que Ronaldo encarna (a simpatia, a determinação, o otimismo, a humildade, a solidariedade, a alegria) são reconhecidos como dignos de valor por inúmeros sujeitos. São valores compartilhados coletivamente, que despertam identificações e projeções no público e a partir dos quais se constrói a imagem pública de Ronaldo.

## Referências

- FAUSTO NETO, A. O joelho aprisionado: estratégias mediáticas e o “caso Ronaldo”. In: **XXIII Intercom**, 2000, Manaus.
- FRANÇA, V. R. V. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. In: **VI SOPCOM**, 2009, Lisboa. p. 1-19.
- GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUTTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.
- HELAL, R. Mídia e Idolatria: o caso Ronaldinho. In: ADAMI, A; HELLER, B; CARDOSO, H. D. F. (Orgs.). **Mídia, Cultura, Comunicação**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003, v. 2, p. 107-123.
- QUÉRÉ, L. L'événement. Introduction. In BEAUD, M. et al. (Org.). **Sociologie de la communication**. Paris: Réseaux/CNET, 1997. p. 415-432.
- QUÉRÉ, L. L'individualisation des événements dans le cadre de l'expérience publique. In BOURDON, P.(Org.). **Processus du sens**. Paris: L'Harmattan, 2000. p.1-23.
- SIMÕES, P. G. Media framing and the life of a sports celebrity: a case study of Ronaldo's performance on the 1998 World Cup Final. In: **IAMCR Istanbul 2011 Conference**, 2011, Istanbul (Turkey).

SIMOES, P. G. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades. *Líbero*, v.14, n.28, p.129-140, dez. 2011.

VERÍSSIMO, L. F. Prefiro Terremoto. In: VERÍSSIMO, L. F. **Time dos Sonhos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 89-90.

WEBER, M. A sociologia da autoridade carismática. In: WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982a. p. 171-176.

WEBER, M. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, G. (Org.). **Max Weber: Sociologia**. Grandes Cientistas Sociais. n. 13. São Paulo: Ática, 1979. p. 128-141.

<sup>1</sup> Para uma análise desse acontecimento, cf. Simões, 2011.

<sup>2</sup> Matérias extraídas do site <http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>, em 21/01/2010.

<sup>3</sup> Matérias extraídas do site <http://epoca.globo.com>, em 22/01/2010.

<sup>4</sup> Matérias extraídas do site <http://www.terra.com.br/istoe/>, em 19/09/2008.

<sup>5</sup> Foram coletados doze vídeos no youtube e 199 manifestações que se posicionam em relação ao acontecimento.

<sup>6</sup> Para uma discussão mais aprofundada acerca da apropriação da noção de *individuação dos acontecimentos* cf.: França, 2009; Simões, 2011.

<sup>7</sup> MARANHÃO, C. Brasil 7 x 7 Alemanha. *Veja*, São Paulo, 03/07/2002.

<sup>8</sup> ELES farão a diferença. *IstoÉ*, São Paulo, 03/07/2002.

<sup>9</sup> MARANHÃO, C. Cadê a filosofia? *Veja*, São Paulo, 12/06/2002.

<sup>10</sup> Na final da Copa de 1998, realizada na França, o Brasil perdeu por 3 X 0 para os anfitriões. Ronaldo teria sofrido uma convulsão horas antes da partida decisiva, o que foi apontado como uma das causas para a apatia da seleção brasileira e de sua grande estrela naquele jogo.

<sup>11</sup> ALTMAN, F; PADILLA, I. A batalha de Yokohama. *Época*, Rio de Janeiro, 01/07/2002.

<sup>12</sup> MARANHÃO, C. A glória dos pentacampeões. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>13</sup> MARANHÃO, C. A glória dos pentacampeões. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>14</sup> MARANHÃO, C. A glória dos pentacampeões. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>15</sup> A VOLTA do fenômeno. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>16</sup> MARANHÃO, C. A dois passos do pódio. *Veja*, São Paulo, 26/06/2002.

<sup>17</sup> RONALDO: Copa sobe à cabeça do craque brasileiro. *Caras*, São Paulo, 28/06/2002.

<sup>18</sup> RONALDO fala das dificuldades até a conquista da Copa de 2002. Adeus Fenômeno. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=f7WMqWd0rrI>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011

<sup>19</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>20</sup> BRASIL Pentacampeão. Crônica feita por Pedro Bial na final da copa do mundo de 2002. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dhjaXcNnqyc>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>21</sup> MARANHÃO, C. A dois passos do pódio. *Veja*, São Paulo, 26/06/2002.

<sup>22</sup> TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002. Matéria de Renato Ribeiro. 30 de junho de 2002.

<sup>23</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>24</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>25</sup> MARANHÃO, C. A glória dos pentacampeões. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>26</sup> TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002. Matéria de Fátima Bernardes. 30 de junho de 2002.

<sup>27</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>28</sup> Essa construção heróica da trajetória de Ronaldo também é discutida por Helal (2003).

<sup>29</sup> *Fantástico*, 30 de junho de 2002.

<sup>30</sup> COPA de 2002 (1/2) - De Lá Pra Cá - 27/06/2010. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=IS9uquKpgag>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>31</sup> PADILLA, I; ALTMAN, F. Uma final antecipada. *Época*, Rio de Janeiro, 24/06/2002.

<sup>32</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>33</sup> TEICH, D.H. De onde eles vieram. *Veja*, São Paulo, 10/07/2002.

<sup>34</sup> A VOLTA do fenômeno. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>35</sup> A VOLTA do fenômeno. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>36</sup> A VOLTA do fenômeno. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>37</sup> Uma análise da cobertura da imprensa acerca desse aguardado retorno de Ronaldo aos campos, a nova contusão e o pós-operatório do jogador foi realizada por Fausto Neto (2000). O autor enfocou as diferentes estratégias discursivas utilizadas pelo jornalismo para construir os significados em torno da imagem de Ronaldo

---

naquele momento – como o uso de especialistas do campo médico para construir um discurso autorizado e as disputas de sentido entre os diferentes campos de saberes.

<sup>38</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>39</sup> BRASIL Pentacampeão. Crônica feita por Pedo Bial na final da copa do mundo de 2002. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dhjaXcNnqyc>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>40</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>41</sup> MARANHÃO, C. A defesa que aflige, o ataque que empolga. *Veja*, São Paulo, 19/06/2002.

<sup>42</sup> MARANHÃO, C. A defesa que aflige, o ataque que empolga. *Veja*, São Paulo, 19/06/2002.

<sup>43</sup> PADILLA, I; ALTMAN, F. Uma final antecipada. *Época*, Rio de Janeiro, 24/06/2002.

<sup>44</sup> *Jornal Nacional*, 26 de junho de 2002.

<sup>45</sup> COPA de 2002 (2/2) - De Lá Pra Cá - 27/06/2010. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=IS9uquKPgag>>. Acesso em: 11 de setembro de 2011.

<sup>46</sup> A VOLTA do fenômeno. *Veja*, São Paulo, 30/06/2002.

<sup>47</sup> TRANSMISSÃO da final da Copa do Mundo de 2002 (fragmentos do jogo). 30 de junho de 2002.

<sup>48</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>49</sup> MARANHÃO, C. A vitória de Felipão. *Veja*, São Paulo, 26/06/2002.

<sup>50</sup> ALVES FILHO, F. Deixa a vida me levar... *IstoÉ*, São Paulo, 10/07/2002.

<sup>51</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>52</sup> FÉRIAS de Ronaldo e Milene: o craque joga golfe e Ronald vai ao cinema. *Caras*, São Paulo, 12/07/2002.

<sup>53</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>54</sup> *Jornal Nacional*, 17 de dezembro de 2002.

<sup>55</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>56</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

<sup>57</sup> Todas as citações foram extraídas no site [www.youtube.com](http://www.youtube.com) em 11/09/11. Os sujeitos não foram citados individualmente por não considerarmos que isso traz elementos importantes à análise aqui pretendida.

<sup>58</sup> VIEIRA, M. O mundo a seus pés. *Época*, Rio de Janeiro, 08/07/2002.

Recebido em : 4/10/ 2012

Aprovado em: 12/10/2012